

PASSAR DO 2º PARA O 3º CICLO NA PERSPECTIVA DISCENTE

Maria Auxiliadora Soares Fortes – PPGE FAGED/UFC

Introdução

A mudança da rotina é uma experiência marcante vivida pelos alunos que ingressam na 5ª série. As novidades são muitas e a adaptação a esse novo momento da trajetória escolar implica diferentes desafios, dentre outros: conviver com um maior número de professores, de disciplinas, com uma organização do tempo escolar distinta daquela a que até então estavam habituados (Dias-da-Silva, 1997).

Para os alunos da rede pública estadual cearense, essa empreitada está associada a um desafio peculiar, a adaptação a um novo sistema de ensino que institui o aparelho de TV no trabalho pedagógico, o qual não faz parte da rotina de todos os sujeitos que ingressam na 5ª série.

Dois aspectos foram eleitos como essenciais para desvelar, na perspectiva do estudante, os elementos dessa passagem. O primeiro refere-se ao grau de conhecimento dos alunos do 2º ciclo acerca do telensino, quais as expectativas de ingresso, o entendimento da forma como ingressaram no 3º ciclo, bem como as vantagens e desvantagens de estudar no sistema de TV. O segundo busca explicitar as razões que justificam essas ações e reações que conseqüentemente apontam para o significado do que é para esses atores sociais passar do 2º para o 3º ciclo, ou seja, tornar-se aluno do sistema de TV.

A Compreensão dos Alunos do 2º Ciclo acerca do Telensino

Para Dias-da-Silva (1997), existe uma ruptura entre a 4ª e a 5ª série, tornando-se blocos isolados, ocorrendo a finalização de uma etapa para iniciar outra, uma vez que não existe uma relação seqüencial entre os conteúdos. Na realidade investigada, essa ruptura torna-se mais acentuada porque a forma de ensino-aprendizagem vai se diferenciar em virtude do uso da televisão como fonte/mediação do conhecimento

Faz-se oportuno pensar no ambiente da sala de aula no 3º ciclo, esse *locus* onde ocorre, ao mesmo tempo, a transmissão do conhecimento dirigida por meio do aparelho de TV com a colaboração docente e as expectativas interacionais dos discentes. Foi possível constatar que estão presentes no entendimento dos estudantes, de 2º ciclo, acerca da modalidade de telensino, dois aspectos distintos: o de aprender, propriamente dito, quando é trabalhado o “currículo oficial”, regido pelas normas da racionalidade instrumental do sistema de TV, e o de interagir com quem está ensinando, neste caso a televisão, presidido pela racionalidade interativa, considerado pelos alunos como uma necessidade no momento da aprendizagem quando se mostram preocupados com a forma como iriam estudar no ano seguinte.

Nesse sentido, fazem-se relevantes os estudos de Habermas (1988), que de um lado destaca a ação instrumental, voltando-se para a realidade objetiva, regida por normas técnicas, fundadas no conhecimento empírico, e por outro, na ação comunicativa voltada para a relação entre os sujeitos, expressando as expectativas mútuas entre estes, notadamente, quando uma parte significativa dos alunos imagina que enfrentará dificuldades em decorrência da impossibilidade de estabelecer um diálogo com o aparelho de TV.

Ao examinar as respostas dos alunos, verifiquei que eles estabelecem uma relação direta entre o uso da TV e as aulas no 3º ciclo, mas, sobressaem os sentimentos e a postura em relação ao telensino, quando enfatizam a preocupação mediante a substituição da professora pelo aparelho de televisão e, por conseguinte, acarretando na impossibilidade da comunicação/interação no momento da aprendizagem.

O sistema de ter eu acho que agente no lugar de ouvir as explicação da professora nos vamos escutar pela tevisão. Tambem eu acho que o telensino as pessoas não aprende muito porque na 4ª serie agente ver a professora explicando e no telensino agente sor ver aquela pessoa pasando bem rapido e as pessoas não ver quasi nada [sic](Júlia - aluna do 2º ciclo).

No entendimento discente, a figura do professor em sala de aula, no momento da realização das atividades pedagógicas, é secundarizada, dificultando o momento da aprendizagem, pois para esses atores sociais, a

interação parece um elemento crucial nesse processo. Os alunos temem ao professor/TV tanto pela rapidez no jogo de imagens como pela falta de oportunidade de esclarecimentos das possíveis dúvidas em relação aos conteúdos.

Se os alunos têm essa percepção do telensino é porque ela, assim, veio sendo construída nas experiências escolares de irmãos e/ou amigos. O que parece mesmo ajudar a enfrentar o medo é a falta de opção para continuar os estudos, uma vez que esta é a única forma de atingir a tão almejada ascensão social que freqüentemente é posta pelos estudantes como uma meta para a continuidade da trajetória escolar. Nesse sentido, a posição estudantil é bastante clara:

Telensino ... acho que tem alguma coisa a ver com televisão. Acho que vai ser igual a minha irmã. A minha irmã faz a 8ª série, aí ela faz aula pela televisão. Acho que vai ser assim ... ela disse que é ruim porque não pode a professora explicar de novo porque é rápido, tem que pegar assim que ela [a TV] falar. A minha irmã fala que é muito ruim, mas eu não sei porque eu nunca estudei ... vou ter que ir [estudar no telensino] se quiser ser alguma coisa na vida (Suely – aluna do 2º ciclo).

Outro aspecto, enfatizado pelos discentes, diretamente relacionado com a interação no momento da aprendizagem, refere-se à substituição do professor pelo aparelho de TV. Na imaginação dos estudantes, quando fizerem parte do dia-a-dia das salas de 3º ciclo, as relações com o professor, que para eles será a televisão, com seu conteúdo, seu discurso, sua imagem que não permite um diálogo no momento em que o trabalho escolar está sendo desenvolvido, aponta para a possibilidade da existência de dois mundos distintos em um mesmo espaço: o do professor/TV e o do aluno que em alguns momentos se entrelaçam, mas, na maior parte do tempo, permanecem separados, reforçando a idéia da dificuldade interativa.

Não sei muito não, mas eu sei ... no telensino no lugar da professora ficar falando a gente que vai assistir pela televisão. Se a gente não souber aquela coisa, não tem mais ninguém pra explicar, não! Tem que prestar atenção naquela aula da televisão pra depois a gente fazer o dever (Júnior – aluno do 2º ciclo).

Nesse sentido, ficam reduzidas as possibilidades educativas, uma vez que na perspectiva estudantil o telensino restringe o diálogo e a interação, portanto, é possível refletir o fato de que acaba acarretando na impossibilidade de estimular o exercício das capacidades de abstração, de questionamento, de articulação entre fatos com os alunos, sem uma intencionalidade naquilo que seria uma das funções centrais da escola, que são as habilidades básicas necessárias à construção de conhecimentos tão preconizada na filosofia do sistema de TV.

Os argumentos que se expressam na voz discente pelo questionamento de toda e qualquer relação de poder estabelecida no processo educativo e das estruturas que proporcionam as condições para que estas relações se reproduzam no cotidiano escolar indicam que não existe espaço para discutir o ingresso no telensino, salvo um ou outro comentário da professora, quando na maioria das discussões, a concepção da cultura estudantil não é suficientemente aprofundada, notando-se uma tendência a reduzi-la a uma de suas formas visíveis, que consiste em identificar a passagem do 2º para o 3º ciclo como um processo natural. Embora tais elementos façam parte do universo escolar, não traduzem as ricas e diversificadas formas de expressão desses atores sociais como parte do ensino-aprendizagem.

Expectativas dos Alunos do 2º Ciclo em Relação ao Ingresso no Telensino

Adentrar o espaço da sala de aula possibilitou-me visitar um pouco a subjetividade desses sujeitos, bem como permitiu entender o 2º ciclo como *locus* singular em razão do caráter transitório entre duas modalidades pedagógicas que se mostram separadas, individualizadas, tanto pelo aumento no número de professoras e disciplinas como pela maneira no trato com o conhecimento estabelecida pelo sistema de TV.

Nos momentos em que foram convidados a explicitar seu entendimento acerca do telensino, uma parte significativa dos alunos revelou não ter conhecimento do referido sistema de ensino, contudo, como em todos os momentos em que foram convidados a pensar no ingresso no 3º ciclo, estabeleceram uma associação direta com a televisão.

No entanto, a família, o colega surgem no discurso de alguns estudantes como agentes de informações acerca da referida modalidade de ensino, bem como a professora em alguns momentos na sala de aula quando exige disciplina e concentração faz uma ou outra referência em tom de ameaça, enfatizando que as dificuldades são maiores em virtude da quantidade de tarefas ou da dinâmica da aula que não permite uma comunicação/interação com o aparelho de TV.

A minha irmã faz o telensino por televisão, mas no outro ano eu vou para o telensino. A minha irmã diz que é muita tarefa em cada aula da televisão ... minha professora falou que no sistema de telensino não é brincadeira porque lá não é a professora que ensina é a teve e a teve ensina bem rápido, não volta para explicar de novo mas é o jeito de poder ir para frente é o único modo de ir para a sexta, a sétima e etc... (Érica – aluna do 2º ciclo).

Apesar dessas dificuldades, que impõem um sentimento de preocupação, os alunos parecem compreender que não existe outra opção para concluir a escolaridade básica e, portanto, o “remédio” é se conformar com o que lhes é oferecido, ou seja, estudar no sistema de telensino.

A atitude docente, que amedronta os alunos, muitas vezes nem é dimensionada como tal, por entenderem como natural aquilo que é arbitrário. Na escola não existe um cuidado de que para o estudante não é tão simples assim essa passagem e que não basta “receber” o conteúdo exigido no 2º ciclo para estar preparado para estudar no 3º. É necessário um trabalho nessa fase de transição que minimize o sofrimento de quem não pode fazer opção.

Nesse sentido, Giroux (1987) argumenta que o trabalho pedagógico se envereda por um tipo de prática que às vezes emerge da cultura escolar, colocando as professoras em posição de culpar e ameaçar os alunos pelos problemas percebidos como uma estratégia para conseguir que participem das atividades de sala de aula, o que ocorreu em muitos momentos nas salas de 2º ciclo. Era comum as professoras, mesmo em tom suave, enfatizarem a todo momento as dificuldades que seriam encontradas pelos alunos na série seguinte, caso não adotassem esse ou aquele comportamento, essa ou aquela atitude entendida como a mais adequada.

Deste modo, é fundamental que as professoras desenvolvam o entendimento de que as experiências discentes emergem de múltiplos discursos e subjetividades e, principalmente, a forma como o mundo social é experienciado, mediado e produzido pelos alunos. Uma falha neste aspecto impossibilitará não apenas uma aproximação nas motivações, emoções e interesses que constituem a singularidade da cultura estudantil, como também causará entraves no momento da aprendizagem (McLaren, 1977).

As angústias que se observa nos depoimentos, as dúvidas com relação à série seguinte, uma vez que não é só a professora que muda, mas toda uma estrutura de ensino, são os tempos que se transformam, os ritmos que são alterados, apontam para a reflexão que a atuação discente se refaz em função da TV e do processo proposto por ela sem o direito de escolha por parte do aluno.

Eu não sei como vai ser, nesse ano tá muito bom aqui lá eu não sei. No proximo ano, todas as pessoas, do ciclo 2 a nivel da 4ª serie estudaram no telensino. Telensino é onde os alunos estudam vendo televisão. Na minha sala atual as pessoas aprendem na losa com giz. Entam o que estou tentando escrever é que telensino e 4ª serie são muito diferentes (Rosa - aluna do 2º ciclo).

A insegurança e incerteza dos alunos diante do novo são reações esperadas nesse processo de transição e que deveriam ser trabalhados pela escola. O ritmo do telensino se diferencia do convencional, explicitado na fala a seguir, em que muitas vezes os alunos ficam “perdidos”, tendo que se adaptarem sozinhos. *Eu não tenho certeza se eu vou para o telensino mas eu não estou muito animada para o telensino porque eu acho que não consigo acompanhar o ritmo das aulas (Ana - aluna do 2º ciclo).*

A Compreensão dos Alunos do 3º Ciclo acerca do Ingresso no Telensino

Para os alunos, a escola não trata esse tema com especificidade, quando afirmam categoricamente que *a escola não falou nada sobre telensino, não preparou, não* (Suely – aluna do 3º ciclo), mas acreditam que vários momentos e situações do cotidiano escolar simbolizam uma preparação na transição do 2º para o 3º ciclo.

O núcleo gestor e as professoras reconhecem que a escola não proporciona momentos para preparar o discente para essa passagem, a qual contraditoriamente é enfatizada em outros momentos como processo natural, ou seja, quem conclui o 2º ciclo, automaticamente, cursará o 3º, o que não deixa de ser uma realidade.

Contudo, para os alunos, tem outro significado, envolvendo medo, notadamente quando eram submetidos a situações que os levavam a pensar na série seguinte como um local repleto de dificuldades, onde tudo seria diferente, salvo a escola e alguns amigos, como justifica Flávia (aluna do 3º ciclo):

Fui preparada assim ... eu tava ... eu tava com medo de vir [para o telensino] porque a professora, ela sempre falava, tinha coisa que ela ... eu não sabia e eu ia perguntar a ela, ai tinha aluno que ela falava assim: menino eu não sei como é que você quer ir pro sistema de TV! Você não sabe um livro dessa finurinha! E lá vocês vão pegar um livro dessa grossura! Ai eu tinha medo, né? Tinha hora que eu tava bem preparada, ai tinha hora que ela começava a falar e eu sentia aquele medo de vir, mas ai quando eu cheguei, comecei a fazer atividade, comecei a se relacionar com as professoras, ai eu perdi o medo. Agora eu tô com a sensação de ir pra 6ª série.

Outro ponto destacado pelos discentes nessa discussão é que obedecer à professora, realizar as tarefas indicadas e estudar um pouco mais significa estar sendo preparado. Cabe ressaltar que, no período de convivência na escola, percebi claramente, nas conversas informais com as professoras de 2º ciclo, uma excessiva preocupação com a aprendizagem dos alunos para que não houvesse críticas acerca da possibilidade de algum estudante ingressar no telensino com dificuldades, o que de certa forma justifica a ação docente que acaba criando, mesmo sem se dar conta, pânico nos estudantes.

Dias-da-Silva (1997) explica que há uma supervalorização das professoras da 4ª série, aqui tratada como 2º ciclo, com a série subsequente quando, dentre outras coisas, lembram constantemente aos alunos que se não estudarem não acompanharão os conteúdos no ano seguinte, subestimando a bagagem cultural que ele acumulou ao longo de sua trajetória. Desse modo, a

referida constatação parece não ser apenas no *locus* investigado pela referida autora.

A professora botou as matérias do telensino pra gente estudar na hora das férias ... esse negócio de potência ... é ... expressão numérica ... essas matérias assim, ai mandou a gente estudar! Ela botou na lousa pra todo mundo escrever ... ela respondeu e mandou a gente estudar na hora das férias ... pra ir lá pro telensino! Ela falou: 'ei! Menino, vocês escreve isso daqui porque é pra vocês melhorarem no ano que vem porque vai cair essa matéria e vai ser muito pesado' (Pedro – aluno do 3º ciclo).

É importante a percepção discente acerca da forma como sentem que foram preparados para estudar no sistema de telensino. De certa forma, traduzem determinadas posturas das professoras que muitas vezes nem percebem o sentimento de angústia que acabam desencadeando nos alunos, uma vez que a intenção de “ajudar” e/ou “incentivar” os estudantes na sua trajetória como forma de galgar mais um degrau da vida escolar aponta para o descompasso no qual se aliam a competência – necessidade de domínio nos conteúdos – a uma postura antidemocrática – uma grande preocupação com a aprendizagem dos conteúdos.

Escutando a voz estudantil, é possível perceber que a escola precisa, de fato, repensar sua postura no que se refere ao ingresso dos alunos na modalidade de telensino, um tipo de prática que muitas vezes emerge desse aspecto, coloca as professoras em posição de simbolicamente violentar os estudantes como forma de fazê-los participar das atividades em sala de aula para que no ano/ciclo seguinte nenhuma culpa recaia sobre elas. Vale lembrar que *ignorar as dimensões ideológicas da experiência do aluno significa negar a base pelas quais os alunos aprendem, falam e imaginam* (McLaren, 1977:249).

As Vantagens e as Desvantagens, na Perspectiva Estudantil, de Estudar no Sistema de Telensino

No universo escolar, os sujeitos reinventam e reimprimem novas regras a esse espaço, resultando no que Willis (1991) define como cultura contra-escolar. Dentro desse contexto, num ambiente tão complexo, permeado de

subjetividades, não se pode esperar uma uniformidade de idéias e argumentos. Reconhecendo-se a importância do espaço escolar carregar em si mesmo uma gama de pluralismo, tanto da cultura escolar como da cultura contra-escolar, é que explicito a voz discente para que possamos por intermédio dela entender como estes atores sociais percebem o que lhes é proposto/imposto como opção de escolarização.

Faz-se importante refletir na perspectiva de que existe uma política do conhecimento oficial que busca manter a ordem das ações curriculares, desrespeitando as trajetórias e significados culturais de jovens que ainda resistem e buscam a escola pública universalizada, no Ceará, pelo telensino por ser esta a única opção de acesso à cultura escolar, no segmento de 3º e 4º ciclos.

A ênfase recai nas manifestações de quem vivencia a prática educativa institucionalizada, posto na condição apenas de mero receptor, mas que, na realidade, mesmo de forma fragmentada, é capaz de indicar pistas que podem desocultar o que está oculto no currículo escolar muitas vezes opaco aos olhos dos sujeitos no dia-a-dia da escola.

Nesse contexto, uma das poucas vantagens apontadas pelos alunos por estarem estudando no sistema de telensino é que este representa uma série a menos ou um degrau a mais na conclusão do percurso escolar. Assim, *a vantagem é de aprender coisa nova porque o telensino é a 5ª série, é uma série mais elevada* (Carol – aluna do 3º ciclo), mesmo que custe tantas angústias, insatisfações e sofrimentos.

Dentre os aspectos entendidos como desvantagens para os estudantes, o tempo foi ressaltado como um dos principais elementos, uma vez que para os mesmos *é ruim por causa que as vezes quando tem Física, a gente sai tarde e a gente tem medo de ser assaltado, que começa onze horas e termina onze e quarenta* (Carol – aluna do 3º ciclo). O horário da referida atividade que antes estava incluída nas 4 horas de permanência na escola, no 3º ciclo passa a ser realizada com um acréscimo de 40 minutos em decorrência do aumento no número de disciplinas, passando a ser entendida por estes sujeitos como um inconveniente.

Outro agravante para esses atores sociais refere-se às emissões, *o horário devia ser diferente, a emissão devia ser no final da aula pra dá tempo*

da professora explicar mais (Flávia – aluna do 3º ciclo), deixando claro que preferiam uma inversão nas prioridades, ou seja, a emissão é que devia estar em segundo plano, servindo apenas para ilustrar o que havia sido trabalhado pela professora.

Os sujeitos que freqüentam o universo escolar alimentam um discurso de que telensino é sinônimo de concentração, silêncio e disciplina, o que conseqüentemente interfere nas relações desenvolvidas em sala de aula, secundarizadas em função do trabalho pedagógico, ainda que este tenha supostamente como sua proposta incentivar a comunicação quando sugere a formação das equipes no desenvolvimento das atividades.

Desse modo, para estes alunos, estudar no telensino também tem como desvantagem romper os vínculos grupais trazidos do 2º ciclo, visto que há a necessidade de se fazer silêncio para ouvir nas emissões via satélite o que não pode ser repetido pela TV, bem como copiar e responder as tarefas até o horário da saída que transforma o tempo da sala de aula numa chatice.

Os estudantes vêm-se inseridos em relações tão autoritárias, decorrentes de uma suposta necessidade pedagógica, que desenvolvem sentimentos de antipatia por aqueles que transgridem as regras do silêncio, quando afirmam que *a desvantagem é a zuada que os meninos as vezes faz na sala que não dá pra gente entender a emissão* (Elisa – aluna do 3º ciclo).

Outra afirmação discente, como problemática nas salas de telensino, é o ritmo frenético imposto pela referida modalidade de ensino, que não permite mais o diálogo, uma discussão acerca do que foi trabalhado, uma vez que impera uma execução de tarefas sem fim, apesar de em seus pressupostos filosóficos propor um ensino-aprendizagem voltado para a construção de um sujeito crítico e participativo. Para alguns alunos, o problema reside porque *a gente não tem mais aquelas professoras de antes ... as professoras agora são mais puxadas, não deixa a gente falar, assim, sobre a aula ... ela quer que a gente sempre fique ali atenta pra aula da TV* (Sílvia – aluna do 3º ciclo).

Esse ensino/aprendizagem pode ser entendido como um instrumento de homogeneização de ritmos, estratégias e propostas educativas que tende a desvalorizar as experiências vividas, evidenciando que a prática escolar do telensino, nessa lógica, desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos atores sociais que dela participam.

Conclusão

Levando em consideração o que dizem alguns alunos do 3º ciclo acerca de sua realidade escolar, é válido tecer reflexões que merecem um olhar dos que estão diretamente vinculados com a educação pública estadual cearense, gestores e educadores, incluindo-se aqui os responsáveis pela idealização e efetivação das políticas públicas, para fazer da educação institucionalizada um encontro com os anseios dos estudantes, principais sujeitos para a sua existência.

Dar voz aos alunos para desenvolver este trabalho teve a intenção de remeter para a compreensão dos contextos em que se inserem as rotinas no cotidiano escolar e encontrar nela o que se refere a quadros mais específicos como, por exemplo, o que significa para esses atores sociais uma educação regida pela modalidade de telensino, articulando-a aos contextos sociais e culturais.

Quando os estudantes adotavam determinadas atitudes, as quais sempre lhes outorgavam o rótulo de indisciplinados, mal-educados, projeto de marginais, nunca lhes foi permitido explicitar que se tratava de um desinteresse em face da falta de atrativo que muitas das atividades escolares apresentam.

Compor o quadro de estudantes inseridos no 3º ciclo da rede pública estadual cearense significa estudar com o uso da TV, o que, para esses sujeitos do processo educativo, tem como consequência embaraços no momento da aprendizagem, em decorrência da dificuldade de concentração porque, mesmo que se tente, é impossível um silêncio absoluto, uma vez que, de certa forma, ainda estão se habituando ao novo sistema de ensino.

Outro fator de dificuldade para os estudantes no momento da aprendizagem é a articulação do trabalho da professora com o que foi trabalhado pela TV e, por último, os alunos asseguram: quem ministra as aulas é a televisão e não a professora, produzindo para eles dificuldades na aprendizagem.

A diferença no ritmo da aula pode ser percebida desde o primeiro instante em que os sujeitos chegam na sala de aula. Enquanto alunos e professoras do 2º ciclo utilizam entre dez e quinze minutos para fazer a

chamada, comentar acerca de algum fato ocorrido na escola, ouvir e fazer um ou outro comentário, no 3º ciclo, o início dos trabalhos acontece no momento em que adentram a sala de aula porque a emissão está prestes a ser apresentada ou precisam ler imediatamente o manual de apoio antes que a aula entre no ar.

O movimento imposto pelo telensino dificulta a interação dos atores sociais, uma vez que nega a possibilidade de iniciar a aula com uma conversa informal com quem convivem durante quase um ano, gerando situações conflituosas e perturbadoras quando um desejo de trocar uma idéia com o colega, comentar algum fato é entendido como uma transgressão, uma vez que a emissão exige concentração e silêncio absoluto, mesmo que o assunto gire em torno do que está sendo emitido. Para Dayrel (1996:139):

Essa perspectiva implementa a homogeneidade de conteúdos, ritmos e estratégias, e não a diversidade. Explica-se assim a forma como a escola organiza seus tempos, espaços e ritmos bem como o seu fracasso. O tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos.

As relações também são modificadas, de modo que a forma como o colega se comporta é capaz de interferir na aprendizagem dos demais. O silêncio é fundamental na sala de telensino porque existe um senso comum de que com a TV, além das informações serem transmitidas num movimento rápido, não existe a possibilidade de perguntas ou a repetição do que foi dito.

O tempo da brincadeira deixará de existir em função da grande quantidade de atividades, podendo ser pensado como resultado da rigidez que o telensino imprime nas salas de 3º ciclo, o qual leva alunos e professores a correr contra o tempo na tentativa de dar conta do currículo oficial que legitima a obrigatoriedade de concretização de um grande número de tarefas que funciona muito mais como um mecanismo de tentar ocupar e calar a boca dos sujeitos no período em que estão na sala de aula.

Existe uma quebra na escolaridade que o aluno vem construindo. Noções de espaço, tempo, ritmo, enfim, a dinâmica da sala de aula presentes nos anos anteriores de experiências escolares, que são trazidas por cada um,

não são mais válidas para o espaço do 3º ciclo – telensino. Esse processo de reconstrução pode ser entendido como uma ruptura.

Neste aspecto, cabe assinalar a diferente organização horária do 2º e 3º ciclo. No 2º ciclo, o uso do tempo fica mais na esfera de decisão do professor, que pode decidir, por exemplo, empregar uma porção maior no conteúdo que achar conveniente. No 3º ciclo, telensino, o tempo está rigidamente compartimentalizado e distribuído pelas diferentes disciplinas, sem que seja possível sua alteração pelo professor, ou por quem quer que seja, por tratar-se de um “pacote pronto” via emissão para alunos e professores sem nenhuma permissão para alterar o que já vem proposto, exceto quando esta não acontece.

Contudo, creio, como Giroux, McLaren e Apple, na escola como espaço emancipador, de conhecimento de si e do mundo, portanto, não apenas vinculada ao oferecimento de modelo de comportamento imediato, mas de inserção transformadora num mundo histórico e social.

Integrar a voz do aluno a esse conjunto de reflexões acerca do telensino faz-se elemento importante para uma reflexão mais ampla da realidade das escolas públicas estaduais, uma vez que, para os sujeitos da aprendizagem, referida modalidade de ensino é impositiva e insuficiente. Impositiva porque não existe outra opção na escola pública estadual e insuficiente porque o único anseio dos estudantes que é atendido corresponde à finalização da caminhada escolar e não à aprendizagem em si.

Fica o registro da voz de quem recebe diretamente o que é pensado como alternativa para a escola pública estadual cearense, por meio da efetivação das políticas públicas. Se o desejo dos que pensam a educação pública no Estado do Ceará é fazer da escola o lugar de ampliação do potencial de visão e análise do mundo, é preciso considerar dimensões presentes na cultura estudantil, afinal de contas é, principalmente, para esses atores sociais que a escola é planejada, pensada, repensada, reformada ...

Então, os responsáveis pela educação das crianças e jovens na escola pública precisam dar voz a estes atores sociais para conhecer sua cultura e encontrar caminhos que possam de fato e, de direito, promover o verdadeiro ato de educar.

Bibliografia Básica

APPLE, Michael W. **Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora.**- Trad. Maria Isabel Edelweiss Bujes – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Política cultural e educação.** Trad. Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2000.

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas.** Ijuí – RS: Ed. UNIJUÍ, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital social. IN: **Pierre Bourdieu: escritos da educação.** Maria Alice e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRAGA, Kátia Regina R. **A “universalização” do telensino nas escolas públicas estaduais de 1º grau e a democratização do saber: o caso de Camocim.** Fortaleza, 1997, 176 p. **Dissertação (Mestrado).** Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: **introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Gerardo José. **Televisão Objeto de Ensino para uma Educação de Sujeitos.** Fortaleza, 1983, 116 p. **Dissertação (Mestrado)** Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará.

CAVALCANTE, Luciana & FORTES, Auxiliadora. JÜRGEN HABERMAS E A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO – a comunicação como mediadora das relações no espaço da sala de aula. In: **ditos (mau) ditos.** Gerardo Vasconcelos et alli (org.). Fortaleza: LCR, 2001.

DAMASCENO, Maria Nobre at alli. As Complexas Relações na Sala de Aula. In: **Artesãos de Outro Ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar.** DAMASCENO, Maria Nobre & THERRIEN, Jacques (org.). São Paulo: ANNABLUME, 2000.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura.** Belo Horizonte, UFMG, 1996.

DIAS - DA - SILVA, Maria Helena G. Frem. **Passagem sem Rito: as 5ª séries e seus professores.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

ENQUITA, F. Mariano. **A Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **A atividade docente no Telensino – um estudo acerca dos saberes mobilizados na prática pedagógica do**

Orientador de Aprendizagem. Fortaleza, 1997. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Trad. Guacira L. Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GIROUX, Henry. Escola crítica e política cultural. São Paulo: Cortez, 1987.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa.** Madrid: Taurus, 1988).

_____ **Teoria de la Acción Comunicativa: complementos e estudios previos.** Madrid: Cátedra, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MCLAREN, Peter. **A Vida nas Escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1977

_____ **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

_____ **Multiculturalismo Crítico.**- Trad. Bebel Orofino Schaefer – São Paulo: Cortez, 1997.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Currículos e Programas no Brasil.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

MOREIRA, Antônio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, Cultura e Sociedade.** São Paulo: Cortez, 1994.

PESQUISA ESCOLA E CULTURA: Produção Cultura, Resistência e Identidade. **Relatório Final.** DAMASCENO & THERRIEN (coordenadores). Fortaleza, 1998. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P.& LOPES, José de Souza Miguel. Globalização, Multiculturalismo e Currículo. In **Currículo: Questões Atuais** - Antônio Flávio Barbosa Moreira (org.) – Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **A Nova Lei da Educação: Trajetórias, Limites e Perspectivas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1997.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CEARÁ, Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico Pedagógico. **Programa de (re) qualificação de professores do primeiro e segundo ciclos**. Fortaleza, 1997.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CEARÁ, Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico-Pedagógico. **Proposta de Redimensionamento do Telensino e Continuidade da Implantação do Ensino em Ciclos: uma ação gradativa**. Fortaleza, 1998a.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CEARÁ, Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico-Pedagógico. **Referenciais curriculares básicos – terceiro e quarto ciclos**. Fortaleza, 1998b.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

[1] Na realidade investigada, é denominado 3º ciclo. O telensino também é uma especificidade da rede pública estadual cearense.

[2] Todos os discursos foram mantidos na íntegra e os nomes são fictícios.